

APRESENTAÇÃO

**Por Andrew Traumann*

É uma honra apresentar o resultado de mais uma Iniciação Científica “Conflitos no Oriente Médio, África e Ásia Central”. Apesar do nome, nunca foi minha intenção fazer da guerra uma camisa de força para os meus alunos. Afinal, quando falamos em conflitos podemos estar falando de conflitos econômicos, políticos e culturais, enfim todo tipo de embates que mereçam uma análise da Academia. A “safra” 2016, um dos anos mais conturbados da História foi paradoxalmente pouco belicista na temática dos discentes.

Um exemplo disso é o belo artigo “As Mulheres Iranianas no Cinema Pós-Revolução”, de Ana Carolina Zanette que traz uma análise acurada de como o cinema iraniano se transformou (e paradoxalmente para melhor ao contrário do que muitos imaginariam) após a Revolução. As novas regras de temática e vestimenta dos personagens estabelecidas pelo governo revolucionário forçaram os diretores a serem criativos nos enredos, a tornar sua crítica mais sutil, de carregar mais nas metáforas e na subjetividade e aos poucos o cinema iraniano de arte que o Ocidente ama foi sendo construído. Nessa mesma linha temos o artigo de Nemésio Xavier Netto, que fala sobre o conflito árabe-israelense não na Cisjordânia mas dentro das quatro linhas de um campo de futebol. O autor explora questões atualíssimas como a xenofobia, o racismo e as batalhas culturais representadas por equipes identificadas tanto com a integração quanto com a segregação entre árabes e judeus em Israel.

Dentro da visão mais *high politics* temos três interessantes artigos: o primeiro se chama “As Violações ao Direito Internacional cometidas pela *Blackwater* durante a Guerra do Iraque e suas Penalidades” de Fernanda Tabor, internacionalista e acadêmica de Direito que trouxe um viés diferente ao nosso grupo. Tabor trata das dificuldades do Direito

Internacional em punir os soldados da empresa militar Blackwater contratada pela administração para atuar no Iraque e que cometeram uma série de violações às leis de guerra em solo iraquiano. A autora mostra o limbo jurídico que esta nova figura da empresa privada que presta serviços a Estados gerou e a dificuldade em estabelecer sanções. Também na linha jurídica temos o artigo de Amanda Pimenta “Estado Islâmico: o Ressurgimento do Califado, os novos desafios para o Direito Internacional e o Dilema do Uso da Força contra Atores Não Estatais” na qual a autora traz um elemento muito importante no debate acerca do autoproclamado Estado Islâmico, que não é um Estado, mas que possui claras ambições expansionistas violando as fronteiras de Estados constituídos como Síria e Iraque numa ação sem precedentes na era contemporânea. Afinal, se por um lado estamos na era das guerras irregulares, em que atores estatais enfrentam grupos guerrilheiros, por outro o EI representa um desafio distinto pois não se limita aos atentados terroristas como os perpetrados por outros grupos. Seu objetivo é redesenhar as fronteiras do Oriente Médio impondo sua própria agenda política. Outro trabalho marcado pela relevância e atualidade do tema é “O Triângulo de Relações Entre EUA, Irã e Arábia Saudita e os Desafios Atuais do Oriente Médio” de Izabella Carvalho. A autora aborda as complexas redes de interesses que envolvem as relações entre a grande superpotência mundial (os EUA), o maior produtor mundial de petróleo e centro religioso do Islã (Arábia Saudita), e sua nêmetese, a potência petrolífera persa e xiita (o Irã). Desde 1979, o Irã encontrava-se isolado no sistema internacional, contudo, com o Acordo Nuclear Irã-P5+1, Teerã se encontra apto a retornar ao mercado internacional de petróleo e reafirmar sua posição de potência regional. Além disso, Irã e Arábia Saudita se enfrentam em *Proxy wars* na Síria, Iêmen e Bahrein.

Dentro deste contexto de Guerra na Síria, Daniel Gualberto traz uma importante contribuição com “Os Curdos na Síria e a Revolução do Rojava”, tema originalíssimo e pouco abordado na academia. Afinal, o caso iraquiano e turco da luta pela autodeterminação curda são muito mais estudados do que o caso sírio. Contudo, o autor nos

mostra como a guerra civil síria,destarte todas os massacres e violações,acabou sendo uma oportunidade para os curdos sírios de aproveitarem a desestabilização do regime de Bashar Al Assad para buscar sua autodeterminação.

João Victor Coutinho de Carvalho também foi bastante original na sua temática. Apesar da Guerra do Iraque ter gerado as mais diferentes abordagens, inclusive sobre o nefasto efeito das sanções impostas pela ONU ao Iraque nos anos 1990, que geraram uma catástrofe humanitária sem precedentes, aqui são analisados os efeitos não apenas na saúde mas na economia iraquiana. Afinal, com a crise econômica e a posterior invasão norte-americana muitos iraquianos qualificados saíram do país para nunca mais voltar. E é sobre o efeito dessa “fuga de cérebros” que trata o autor.

Outro artigo bastante original é o de Giovanni Diniz “Estado,Petróleo e Obediência Civil na Arábia Saudita”. Ao contrário da abordagem tradicional sobre o petróleo como fator de *Hard Power* no xadrez internacional, Diniz analisa questões internas ou seja,como a bonança do petróleo é utilizada pelo regime para garantir a fidelidade de seu cidadãos,por meio da isenção de impostos,bolsas de estudo e assistencialismo e como este modelo corre risco com a atual baixa do preço do barril.

Por fim, não poderia faltar abordagens diretas ao grande tema dos estudos de Oriente Médio nos últimos anos,o famigerado Estado Islâmico ou Daesh,no acrônimo árabe. Alinne Ross e Gedharo Keller fazem duas análises distintas do fenômeno. Ross analisa o presente: afinal, o que leva jovens de todas as partes do mundo a se juntarem ao EI? Aliás, o que faz as pessoas se unirem a grupos violentos de uma forma geral. É sobre a necessidade de pertencimento, da uma reação a xenofobia,de dar um sentido a suas vidas com o vazio ideológico do mundo pós moderno que trata a autora. Já Keller se volta ao passado para explicar as raízes ideológicas do EI: o wahhabismo e suas interpretações literais e excludentes em relação a outras crenças mesmo dentro do islamismo,o que representa um desafio não só para a comunidade internacional,mas para todos os muçulmanos,pois a prática reiterada do *takfir* (a declaração de que um muçulmano



abandonou sua crença) abre uma brecha para perseguições políticas e religiosas e legitima aos olhos do grupo a sua expansão para a reconstituição do que consideram “o verdadeiro Islã”.

Encerrando esta apresentação gostaria de fazer os meus mais profundos agradecimentos a todos os alunos pela dedicação e pelos riquíssimos debates. Que este seja apenas o primeiro passo de uma profícua carreira acadêmica.

**Mestre em História e Política pela UNESP, Doutor em História, Cultura e Poder pela UFPR, professor de História das Relações Internacionais do UNICURITIBA e criador do grupo "Conflitos no Oriente Médio, África e Ásia Central".*